

reira apresentada por Vell. na Fl. flum. já citada. Tem sido encontrada nas provincias do Rio de Janeiro, Minas, Goyaz e Matto Grosso.

Tambem á esta especie se deve referir a planta por Marc. Grave descripta e estampada com a denominação vulgar de *Caapeba*, *Herva de Nossa Senhora*, ou *Cipó de cobras* que vimos ser igualmente applicada á especie precedente.

Cissampelos ovalifolia, Dc. Syst. I, 537; Pr. I, 102; Eich. in Mart. Fl. br. XXXVIII, 187 (*Cissampelos ovalifolia* e *ebractiata*, A. Saint Hil. Pl. us. dos Bras. t. 34, 35). Habita em toda a parte mais cálida da America austral, excepto nas Antilhas.

E' vulgarmente conhecida pelo nome de *Orelha de Onça*, e tambem *Orelha de burro*.

Botryopsis platyphylla, Miers: Eich. in Mart. Fl. br. XXXVIII, 199. (*Coculus platyphylla*, Saint Hil. Fl. br. merid. (4) I, 48; Pl. us. des Bresil. t. 42; *Cissampelos abutua*, Vell. Fl. flum. X, t. 140). Encontra-se nas provincias da Bahia, Rio de Janeiro e Minas. E' vulgarmente conhecida pelo nome de *Butua* ou *Abutua*.

Coculus felipendula, Mart. Herb. Fl. br. 283; Eich. in Mart. Fl. br. XXXVIII, 183. Habita no Brazil austro-oriental. E' vulgarmente denominada *Abutua miuda*.

Abuta rufescens, Aubl. Guyan. I, 618, t. 250; Mart. Herb. Fl. bras. 286; Miers Ann. Hist. Nat.: etc. *Coculus Martir*, Saint Hil. e Tul. nos Ann. Sc. nat. II, Ser. XVII 134 e 135; *Cissampelos convexa* ♂ e *Cissampelos tomentosa* ♀ Vell. Fl. flum. X, t. 142 e 143). Tem sido encontrada nas provincias do Rio de Janeiro e do Pará, e na Guyana franceza. Entre os brasileiros tambem é vulgarmente denominada *Butua* ou *Abutua*, e na Guyana *Parreira Brava*.

A raiz de qualquer destas especies applica-se internamente: em pó na dóse de 50 centigrammas a 1 gramma (10 a 20 grãos): em cosimento na dóse de 12 grammas (3 oitavas) para 720 grammas (24 onças) d'agua que, pela fervura, se reduz a metade: um extracto na dóse de 20 centigrammas (4 grãos): em tinctura na dóse de 4 a 8 grammas (1 a 2 oitavas) n'uma poção.

Externamente emprega-se a raiz contusa, ou cosimento forte.

(4) O *Coculus cinerescens* Saint Hil. refere-se á *Botryopsis platyphylla* com a forma de folhas cordato-ovaes.

EMPREGO DO BROMURETO DE POTASSIO EM UM CASO DE EPILEPSIA.

(Dr. J. P. Bricio.)

No dia 12 de janeiro fui convidado pela Exma. Snra. D. Anna Benjamin para medico de um collegio de meninas sob a denominação—*Nossa Senhora da Gloria*.

Na minha primeira visita forão-me apresentadas diversas doentes, entre as quaes uma filha da directora do collegio.

A jovem doente é uma moça de 15 a 16 annos de idade, gorda e de temperamento lymphatico.

Commemorativos. Em sua primeira infancia soffreu a doente de sarampo e de coqueluche.

Ha tres annos principiou a ter todos os mezes uns ataques, que, no dizer da directora do collegio, forão capitulados de ataques hystericos por um facultativo distincto que antes de mim era o medico do estabelecimento.

Depois de muitas indagações e perguntas feitas á directora e á doente conclui que o meu collega se havia enganado em seu diagnostico, e fiz vêr que se tratava de um caso de epilepsia.

O pai da doente, já fallecido, soffria, segundo fui informado, de ataques que se manifestavam sob a forma de convulsões e de tal natureza que a familia muitas vezes, na occasião dos ataques, julgava-o doudo. Este esclarecimento veio ainda mais confirmar o meu diagnostico, visto que tenho como coisa certa que a herança na epilepsia representa um papel importante.

Durante os 3 annos do padecimento a minha doente tinha usado de diversos medicamentos, mas sem resultado algum. Lembrei-me então de lançar mão do bromureto de potassio, que nestes ultimos tempos tem sido applicado com mais ou menos resultado na epilepsia.

O tratamento consistiu no seguinte: uma gramma de bromureto de potassio para 156 grammas de solução branda de gomma. A doente tomava 4 colheres (das de sopa) da solução por dia. De tres em tres dias augmentava de uma gramma a dose do bromureto até a doente tomar 16 grammas na mesma solução.

Elevada a 16 grammas a dóse do medicamento, mandei continuar o tratamento; sendo, porém, o bromureto usado na mesma

dóse por que havia principiado a doente, isto é, na dóse de 1 gramma, que era augmentada gradualmente até 16 grammas.

Até junho a minha doente esteve sob o uso do bromureto de potassio. Durante todo o tempo decorrido de 12 de janeiro a fins de junho os ataques não apparecerão.

Em julho interrompi o tratamento, e no dia 26 do mesmo mez a doente teve um ataque, porém fraco.

Fiz vêr a directora do collegio que era preciso insistir no tratamento. A doente disse-me que já estava aborrecida de remedios, mas que, uma vez que se tinha dado bem, estava resolvida a seguir as minhas prescripções.

Insisti por mais 2 mezes (agosto e setembro) no uso do bromureto e até esta data a doente tem passado optimamente. A cura terá sido radical?

Não ousou affirmar-o, mas o que não resta duvida é que o medicamento obrou maravilhosamente sobre uma molestia que datava de tres annos.

Cumpre-me notar que durante todo o tratamento a doente não experimentou o menor accidente motivado pela elevação da dóse do medicamento.

Tenho applicado o bromureto de potassio em uns dous individuos do interior da provincia, que me vierão consultar. A pouca demora que tiverão de estada na capital, e o nenhum cuidado por parte d'elles em mandarem-me noticias, não me permitem apresentar mais casos para provar a efficacia do bromureto de potassio em uma molestia incommoda, e por muitos reputada incuravel.

Belém do Pará 18 de Novembro de 1871.

OS LABORATORIOS EM FRANÇA E NO ESTRANGEIRO.

I Os altos estudos praticos nas universidades allemães, relatorio ao ministerio da instrucção publica, por M. Wurtz, membro do Instituto, 1870. II A administração de M. Duruy (1863—69), 1870. III Da observação e da experiencia em physiologia por M. Coste, membro do Instituto, 1869. IV Da reforma dos estudos pelos laboratorios, pelo Dr. Lorrain 1869.

(Revista dos dous Mundos.)

(Continuação do n.º 104.)

O principal laboratorio de chimica da

Sorbonna, que se denomina laboratorio de aperfeiçoamento e de investigações, é uma camara humida e sombria, de máis de um metro abaixo da rua Saint-Jacques. A faculdade das sciencias ha mui pouco tempo é que possui um laboratorio mais espaçoso para o uso dos principiantes. A escola de pharmacia só tem laboratorios insignificantes, onde M. Bertholet fez a maior parte de seus bellos trabalhos. A escola normal superior de Paris possuia desde 1845, epocha em que foi transferida para a rua de Um, laboratorios sufficientemente espaçosos, tanto para os professores como para os discipulos: M. Henri Saint-Claire Deville ahi fez seus estudos sobre o aluminium, a separação (dissociation) e o emprego das altas temperaturas. M. Debray, M. Troost e outros de seus discipulos continuaram n'este laboratorio os seus estudos com a mesma ordem. Em 1866, M. Deville obteve importantes abonos para augmentar seu laboratorio pessoal e appropriar-o ao genero especial de investigações a que se dedica. Fornos enormes, bellos aparelhos de ferro e de platina para o emprego de calor mui elevado e de pressões muito fortes, em summa—tudo que é necessario aos estudos de chimica mineral, acha-se ahi reunido, em larga escala.

Os laboratorios de ensino para uso dos discipulos forão tambem notavelmente melhorados. Quanto a disposição, recursos, e material o estabelecimento chimico da Eschola normal é o unico de França que se assemelha um pouco aos laboratorios allemães. Acrescentemos que um laboratorio de chimica physiologica, destinado á M. Pasteur e a seus discipulos, ainda em via de conclusão, está annexo aos precedentes. Será uma transformação do antigo laboratorio particular onde M. Pasteur fez suas experiencias sobre as fermentações e as molestias dos vinhos.

A Eschola polytechnica tem laboratorios a que se prendem profundas recordações. Foi n'elles que Gay-Lussac fez suas experiencias capitaes, foi n'elles que após um achado feliz disia aos seus jovens collaboradores: « Pois bem! agora vamos dansar! » E mestres e discipulos entregavam-se alegremente á dansa (*à la bourrée*) Estes laboratorios conservaram-se quasi como eram, e servem principalmente aos polytechnicos para suas manipulações obrigatorias. Na Eschola normal e no conservatorio das artes e